

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurei, nessa pesquisa, investigar como os sujeitos entrevistados constroem suas performances homoafetivas em narrativas de histórias de vida. Para este fim, analisei os diferentes posicionamentos e alinhamentos tomados para si e para os outros no ato de narrar.

Para fins de análise, dividi as histórias em dois grandes grupos: homoafetividade e família e homoafetividade e relacionamentos amorosos, pois família e relacionamentos amorosos têm grande peso na construção homoafetiva dos indivíduos analisados.

Esse capítulo está dividido em duas partes: primeiro discuto os resultados da análise; na segunda parte, discuto mais precisamente a ligação entre os resultados e a teoria queer, gênero e performance, e estigma.

5.1 Resultados da análise

5.1.1 Resultados de Gabe

Gabe constrói sua trajetória homoafetiva através de narrativas de tipo laboviano contadas em seqüência. Quando encaixa alguma narrativa fora da ordem temporal dos acontecimentos, utiliza o recurso da informação para esclarecer em que época o evento se deu, confirmando a colocação de Bourdieu (1998) da necessidade de um eu contínuo, de uma ligação coerente entre o eu do passado e o eu do presente. Mesmo considerando-se o fato de que estava em um período intenso de análise, buscando auto-conhecimento, essa busca está ordenada temporalmente, afetando a organização de suas histórias, revelando a articulação do nível macro com o micro no ato de narrar.

A utilização de repetição e discurso reportado é uma constante em suas histórias, evidenciando os significados e as atitudes que pretende comunicar, contribuindo para a percepção de seus posicionamentos e alinhamentos ao longo da entrevista.

Gabe se constrói como homoafetivo que porta um estigma em todos os momentos. No ato de sair do armário com a família, revela insegurança e vitimização: sempre alguém conta por ele o que quer contar, obrigando-o a um silêncio indesejado. É também

nesse tipo de histórias que transparece o caráter contagioso do estigma (Goffman, 1963). Não pode levar o marido para Portugal porque sua exposição afetaria sua mãe; na narrativa sobre a viagem com o irmão, fala que este percebe que é gay porque está com amigas lésbicas.

A própria tentativa de relacionamento com uma mulher desvela a angústia do estigma. Gabe não quer ser gay por saber que pode vir a ser discriminado. Entretanto, seu passo em direção à heterossexualidade foi a confirmação de sua homoafetividade. Sua tentativa de se alinhar com os heterossexuais através de um ato sexual com a namorada posicionou-o como homoafetivo. Assim, deslocou a matriz cultural de inteligibilidade que vincula prática sexual a gênero.

O estigma tem tal força na vida de Gabe, que este tenta negar seu desejo e, quando não consegue, fica deprimido. Um outro aspecto interessante desse momento de sair do armário consigo mesmo é o fato de que somente acredita que é gay quando se apaixona. A construção que faz, então, de homoafetividade é através do amor e não do desejo apenas, contrariando o pensamento de senso comum de que o erótico é o único ponto de partida para a prática sexual.

O acarretamento de emoções estabelecido por Link, Yang, Phelan e Collins (2004) na percepção do estigma também ocorreu. Na segunda parte da história “Contando para minha mãe”, Gabe alega que vai contar para a mãe que está bem, que está casado com Mauro, para tranquilizá-la, porém, diante da insistência dela para que não conte para o pai, ou seja, reforçando o estigma, ele altera o curso da história, demonstrando ressentimento com a atitude dela. Dessa forma, o que seria uma narrativa de preocupação reverte-se para uma narrativa de ressentimento, nos mesmos termos da narrativa encaixada “Minha mãe não deixa eu contar”, contada durante a história “Viagem a Portugal”. Um aspecto interessante a ser abordado aqui é que, na primeira parte da mesma história, quando sua mãe não quer acreditar que é gay, Gabe não se aborrece, tampouco ressent-se que não queira que conte para o seu pai. Isso reforça o papel da situação local de interação nas construções: na primeira parte, está conversando com a mãe porque ela manifestou preocupação com sua tristeza; na segunda, ele acredita que sua preocupação não está mais relacionada ao seu bem-estar, mas aos problemas que a família terá caso o pai fique sabendo que o filho é gay.

Nessa mesma história, Gabe encaixa uma narrativa sobre sua tristeza com a impossibilidade de se relacionar com Omar, construindo-se como deprimido. Quando relata a mesma situação em “Amor frustrado”, constrói-se como raivoso, revertendo inclusive seu papel de rejeitado para rejeitador. Novamente, a situação local de interação é responsável pelas construções. Naquela, o foco é o porquê de contar para a mãe naquele momento; nesta, o foco é a sua decisão de acabar com uma situação que o incomodava.

Podemos perceber que tanto a situação local da interação, quanto o mundo social mais amplo contribuem para os posicionamentos e alinhamentos adotados nas narrativas. Se, por um lado, o estigma de culpa de caráter individual é sempre presente nas interações, por outro, essas mesmas interações constroem outros posicionamentos e alinhamentos que não têm uma ligação direta com o mundo social.

Os posicionamentos e alinhamentos assumidos por Gabe nas histórias de vida revelam sua consciência de portar o estigma da homoafetividade ao mesmo tempo em que propiciam a construção de sua performance homoafetiva.

Sua performance inclui posicionamento como gay, alinhamento com heterossexualidade, consciência de estigma, ao mesmo tempo em que vive um casamento estável, nos moldes da tradição. Gabe, então, desloca a matriz cultural de inteligibilidade, criando uma matriz subversiva de gênero (Butler, 1990).

5.1.2 Resultados de Lauro

Lauro privilegia a unidade discursiva explicação em suas histórias de vida. Embora utilize discurso reportado, fala vagorosa e repetição para evidenciar suas atitudes, contribuindo para a percepção de seus posicionamentos, as proposições das explicações, que apresenta ao longo de toda a entrevista, contribuem de forma mais incisiva para a construção de sua performance, que aponta para a inadequação da matriz cultural de inteligibilidade.

Na explicação “Ser gay”, motivada por meu pedido de definição sobre o que é ser gay, Lauro constrói-se como homoafetivo e essa construção é realizada através da ultrapassagem de problemas. Na segunda explicação da mesma história, seu posicionamento é construído como sendo meio diferente, através do alinhamento tanto

com a heterossexualidade, quanto com a homoafetividade. Dessa forma, rompe com a relação mimética sexo-gênero (Butler, 1990).

Em mais um movimento de deslocamento, na história “Cultura gay”, argumenta que só vai a boates gay porque o amigo heterossexual “super viado” gosta de ir. Ou seja, o gay vai ao gueto para agradar o amigo “super viado”, que é casado com uma mulher e só tem relacionamentos heterossexuais. Assim, Lauro se alinha aos heterossexuais e seu amigo é alinhado com os homoafetivos, ou seja, a prática sexual não responde pela homoafetividade.

Ao mesmo tempo, Lauro alinha-se com as mulheres tanto com relação à opressão, portanto, como parte de um grupo minoritário, quanto ao que acredita ser o comportamento sexual delas e sua relação com companheirismo.

Em outro momento, evoca, porém desloca, a matriz de inteligibilidade ao se posicionar como homem. Evoca, por estabelecer uma relação mimética entre sexo e gênero – ser homem implica em exercer a masculinidade, através de relacionamentos sexuais variados. Desloca, porque esses relacionamentos que se cobrava não eram necessariamente com mulheres.

O estigma também pode ser percebido em suas histórias. Em “Ser gay”, Lauro fala que tem que “matar dois leões por dia”, adotando um posicionamento assertivo, de resiliência. Na primeira parte de “Cultura gay”, argumenta que introjetou comportamentos a fim de transitar socialmente, ou seja, incorporou os padrões da sociedade que vê sua prática sexual como desvio, como é comum aos estigmatizados (Goffman, 1963). Entretanto, não está colocando que concorda que tem um defeito, apenas que reconhece que, para os “normais”, porta um defeito. Na mesma história, alinha-se com a heterossexualidade, argumentando ter mais amigos heteros que gays. Porém, ao perceber que poderia ser mal interpretado, encaixa uma explicação em cuja proposição esclarece que adora ser gay, ou seja, posiciona-se como homoafetivo.

Na primeira parte de “Vivendo com estigma”, Lauro inverte os papéis: os homens são como moças e os gays são assertivos. Porém, na segunda parte da história, o relato traz o sentimento de vergonha típico dos estigmatizados, mas, ainda assim, inverte papéis colocando que se surpreendia com a “imbecilidade” dos estigmatizadores, que se deixavam atingir por suas provocações.

Assim como Gabe, associa percepção de homoafetividade com amor. Percebeu que era gay porque se apaixonou.

Seu casamento com Zélio segue todos os parâmetros de um casamento tradicional, onde o amor e a tolerância combinados fazem com que valha a pena. Contudo, apesar de novamente evocar a matriz de inteligibilidade, também a desloca, pois o casamento tradicional, pautado em performances inteligíveis, pressupõe pessoas de sexos diferentes.

Percebemos, então, que Lauro evoca e desloca a matriz cultural de inteligibilidade, rompendo com a relação mimética entre sexo e gênero, através, sobretudo, de posicionamentos e alinhamentos assumidos no ato de contar histórias.

5.1.3 Resultados de Zélio

Zélio não privilegia nenhum tipo de unidade discursiva. É sobretudo através dos alinhamentos que podemos perceber a construção de sua performance homoafetiva.

Em termos de estrutura de narrativa, verifiquei que, na explicação “Minha família não quer saber”, Zélio introduz uma informação (Norrick, 2000). Esse fato chamou minha atenção, pois em sua definição, Linde (1993) não faz referência alguma a esse elemento. Um outro aspecto observado com relação à explicação, é o surgimento de uma crônica como forma de reforçar a proposição. Na explicação “A gente não fica se abraçando na rua”, primeira parte da história “Casamento com Lauro”, Zélio encaixa a crônica “Carinho” em que narra lugares onde se acarinhavam, todos privados. Ainda com relação a esta crônica, verifiquei que ela pode ocorrer relatando uma seqüência de eventos em vários espaços. Na crônica mencionada, Zélio cita três espaços – casa, casa de amigos e reuniãozinha com amigos – para depois dar a seqüência dos carinhos feitos que, subtede-se, poderiam ser feitos nos três espaços.

Em termos da construção do eu através da atuação na interação (Wortham, 2001), na história “Eu sentia uma atração diferente”, sua atuação da representação que faz de si como indivíduo que está confuso fica claramente refletida em sua fala hesitante, apontando que está se construindo como confuso.

Quanto à construção de performance homoafetiva, os alinhamentos e posicionamentos tomados foram fundamentais. Em “Ser gay é como ser hetero”, Zélio se

alinha com os heterossexuais, recusando o estigma de culpa de caráter individual (Goffman, 1963). Nessa história, insiste que sair do armário consigo mesmo não representou problema de forma alguma. Os problemas a que se refere, no início de seu namoro com Lauro, são problemas que qualquer casal começando a se conhecer poderia ter.

Seu alinhamento com heterossexuais e homoafetivos ao mesmo tempo ocorre na narrativa sobre casos sem importância que teve durante as separações do período de namoro. Zélio explicita que teve poucos casos, mas que estes foram tanto com homens quanto com mulheres. Assim, desloca a matriz cultural de inteligibilidade, pois rompe com a relação mimética entre sexo e gênero.

Em termos de gênero, Zélio o vê como categoria de representação política. Exorta a assunção de uma identidade de gênero gay a fim de formular uma crítica às categorias de identidade dentro das estruturas de poder constituídas. Dessa forma, ainda que corra o risco de reificar as categorias de gênero, busca representação política. Contudo, como a categoria reivindicada não é inteligível, evoca, mas desloca a matriz de inteligibilidade.

Assim como seu marido, Zélio, através de seus posicionamentos e alinhamentos, evoca e desloca a matriz, criando uma matriz rival de subversão de gênero.

5.1.4 Resultados de Mauro

Mauro privilegia a narrativa de tipo laboviano em suas histórias.

Em suas narrativas, podemos perceber o peso do estigma no início de sua trajetória homoafetiva, sobretudo porque cresceu em ambiente religioso. Seu problema não é apenas fazer sexo com outros homens. Não pode sequer desejá-los. Ao contar sobre o primeiro contato físico com um homem, fala da necessidade de se lavar, como que para limpar não só o beijo que recebeu, mas o desejo que sentia. A necessidade de evitar o desejo provocou mudanças concretas em seu cotidiano: parou de ir à praia, andava de cabeça baixa para não se sentir atraído pelos homens que passavam na rua.

Segundo sua narrativa, o conhecimento de psicologia o ajudou a entender e aceitar sua condição homoafetiva, principalmente porque passou a vê-la como comportamento,

não doença. Ainda que consideremos que vê-la como comportamento não o livra do estigma, para ele, é a retomada de controle sobre si.

A aceitação de sua condição gay passa por todas as etapas: negação, aceitação, medo de experimentar uma relação sexual e vivência da homoafetividade.

Nas histórias sobre seu primeiro namorado e a mulher deste, a prática sexual não é importante. Sua indignação com Roberto é porque é casado, não porque é casado com uma mulher. No discurso reportado que faz de Nadine, a indignação é somente porque o marido a trai, não porque a trai com um homem. Sequer essa questão é levantada. O único na história, segundo o relato de Mauro, que menciona prática sexual é o namorado, quando pede que não coloque seu nome no envelope das cartas que enviava. Em seu encontro sexual com Nadine, a questão também não é que ela é uma mulher. Sua avaliação como história louca repousa no fato de ela ser ex-mulher do seu ex-marido.

Mauro desenvolve resiliência (Shih, 2004), após ter escapado de uma agressão, passando a ficar atento em ambientes que considera hostis. Na narrativa da perseguição e fuga, podemos perceber que os argumentos de Polanyi (1985) procedem. Se nos atermos apenas aos eventos e ignorarmos as proposições descritivo-durativas, corremos o risco de perder o ponto da história. Ainda que os eventos apontassem para uma história de homofobia, o ponto principal foi o ódio que Mauro sentiu e que o surpreendeu.

Na história de sair do armário com sua família, os acarretamentos de emoções sugeridos por Link, Yang, Phelan e Collins (2004) ocorreram. Mauro percebe a reação agressiva da mãe e responde com agressão; o pai oferece amor e ele reage com amor.

Embora se posicione como gay, se alinha com as performances de homens heterossexuais. Ao opinar sobre a reputação de promiscuidade que cerca os homoafetivos, argumentou que a questão é que eram homens, lembrando que nunca menciona-se lésbicas com relação a isso. Segundo ele, o fato de serem homens faz com que tenham desejo sexual mais exacerbado, promovendo pontos de “pegação”. O homem a que se refere é o homem cuja performance de masculinidade exige sexo freqüente. A relação mimética sexo-gênero (Butler, 1990) está presente todo o tempo nessa narrativa. Entretanto, está deslocada, posto que inclui homens que fazem sexo com homens.

Mauro desloca a matriz cultural de inteligibilidade ao longo de toda entrevista. Se alinha com as performances masculinas, posiciona-se como gay, mas tem relação com

uma mulher. Entretanto, seu deslocamento mais contundente é o silêncio. A questão da prática sexual nos seus relacionamentos com Roberto e Nadine é tão irrelevante, que nem é mencionada.

5.1.5 Resultados dos quatro entrevistados

No que diz respeito à Teoria Queer, os posicionamentos e os alinhamentos que ocorrem nas histórias analisadas revelam que a matriz cultural de inteligibilidade, que estabelece a relação mimética sexo-gênero-prática sexual, é um construto social que não dá conta do que ocorre nas narrativas dos sujeitos entrevistados.

Os sujeitos se posicionam como homoafetivos, mas também se alinham com heterossexuais. Entretanto, esses posicionamentos e alinhamentos evocam, porém, deslocam a matriz cultural de inteligibilidade. Foi através de alinhamento com a heterossexualidade que Gabe constatou sua homoafetividade.

O alinhamento de Lauro com a masculinidade em sua tentativa de viver várias relações sexuais sem compromisso evoca a relação mimética sexo-gênero, porém a desloca, ao incluir homens em sua busca. Ao mesmo tempo, Lauro se alinhou com as mulheres em termos de papéis sociais no casamento e em termos de pertencimento de grupo minoritário. Contudo, se posiciona todo o tempo como gay.

Mauro se posiciona como gay, sobretudo no que diz respeito ao estigma, porém também se posiciona como homem, masculino, na perspectiva da masculinidade tradicional. Por outro lado, através do silêncio, do não tornar relevante a prática sexual, desloca a matriz cultural de inteligibilidade, rompendo as expectativas de comportamento sexual.

Zélio se alinha tanto com heterossexuais em seu desejo por mulheres, quanto com homoafetivos em seu desejo por homens. Posiciona-se como gay, mas este posicionamento é, sobretudo, de caráter político.

Como expresso no capítulo 3, o que fica evidente é que os posicionamentos e os alinhamentos assumidos pelos sujeitos desvelam a fabricação do conceito de sexo, da ligação mimética sexo-gênero-prática sexual, demonstrando que a matriz cultural de inteligibilidade é uma construção social para manutenção das relações de poder.

5.2 Teoria Queer, gênero e performance e estigma

5.2.1 Teoria Queer e matriz cultural de inteligibilidade

Segundo a Teoria Queer, sexo e gênero são vistos como construções sociais, portanto, em nenhum momento são considerados óbvios ou naturais. Essa abordagem é necessária sobretudo para que possamos compreender como a matriz cultural de inteligibilidade foi construída e como os sujeitos deslocam e mantêm esta matriz a fim de construírem suas performances homoafetivas.

Ao longo deste trabalho, verifiquei que a performance homoafetiva é construída através do deslocamento e da manutenção da matriz cultural de inteligibilidade, que estabelece uma relação mimética entre sexo e gênero, bem como uma relação causal entre sexo e gênero e a expressão de ambos na prática sexual.

Os posicionamentos e alinhamentos ocorridos nas histórias narradas revelam que esta matriz e a relação mimética sexo-gênero-prática sexual são construtos sociais que não dão conta do que ocorre no cotidiano dos indivíduos.

Quando Gabe se alinha com os heterossexuais e vive um relacionamento com uma mulher, o resultado é a constatação de sua homoafetividade. Nas suas narrativas, Gabe se posiciona como gay sobretudo nas histórias em que trata de seus relacionamentos homoafetivos, concretizados ou não. Quando fala que Omar o convidou para ver filmes românticos e para ir a lugares que identifica como gays, está se posicionando como aquele que conhece o gueto gay.

Lauro se alinha com os heterossexuais quando exige de si um comportamento que acredita ser vinculado à masculinidade única e exclusivamente pelo fato de ter nascido com o sexo masculino. Contudo, rompe a relação mimética sexo masculino-masculinidade ao cobrar de si relacionamentos com pessoas de mesmo sexo. Ao narrar que somente vai a ambientes gays porque o amigo heterossexual, que é *super viado*, gosta de freqüentar, também a está rompendo. Lauro, ainda, se alinha com as mulheres ao colocar que pertencem ao mesmo grupo de oprimidos. Ao falar sobre o descompasso no seu casamento com Zélio, novamente se alinha com as mulheres na questão dos papéis

sociais, onde o homem tem desejo sexual exacerbado e as mulheres desejam companheirismo. Contudo, se posiciona como gay, sobretudo no relato acerca das dificuldades que a vivência de sua sexualidade gera. Além disso, diz explicitamente que ser gay o torna empoderado, ou seja, sua posição como homoafetivo é clara.

Mauro se alinha e se posiciona como gay sobretudo quando narra sobre os preconceitos que sofreu. Ao mesmo tempo, se posiciona como heterossexual, na perspectiva da masculinidade, quando fala sobre promiscuidade. Por outro lado, não se posiciona nem se alinha à nenhuma prática sexual nos relatos sobre seu primeiro namorado e sua esposa. Naquele momento, é apenas pessoa, sem características sexuais sociais tangíveis. Portanto, desloca a matriz cultural de inteligibilidade, pois sexo, gênero e prática sexual não estão diretamente relacionados em sua performance.

Zélio se alinha com os heterossexuais no seu desejo por mulheres, mas se alinha com gays no seu desejo por homens. Posiciona-se como gay e demanda um posicionamento da mesma ordem de seus pares, argumentando que este é um posicionamento político, ou seja, de ordem social. Podemos perceber, através dos posicionamentos e alinhamentos assumidos no ato de narrar histórias de vida, a presença da matriz cultural de inteligibilidade, ainda que, na maior parte dos casos, deslocada.

Lauro e Mauro atribuem um comportamento de gênero a sexo masculino, representado por corpos machos, traçando uma oposição a sexo feminino, representado por corpos fêmeos. Dessa forma, estão estabelecendo uma relação mimética entre sexo e gênero. Por outro lado, ao se relacionarem com homens, rompem esta relação mimética, desvelando que o sexo, assim como o gênero, é uma construção social.

Gabe desloca a matriz cultural de inteligibilidade em sua tentativa de relacionamento heterossexual: apesar de ser uma pessoa de sexo masculino, sua prática sexual com o sexo oposto foi um esforço, o que confirmou sua homoafetividade. Ou seja, a prática sexual não é o que define a o gênero. Lauro também desvincula prática sexual de gênero ao posicionar seu amigo, cujas práticas sexuais são com mulheres, como gay. Assim, rompe a relação causal entre sexo e gênero e a expressão de ambos através da prática sexual estabelecida pela matriz.

Partindo dos postulados básicos da Teoria Queer e dos Estudos Feministas, busquei perceber o poder sexual incorporado nos diferentes níveis da vida social, expresso discursivamente nos alinhamentos e posicionamentos assumidos.

Procurei problematizar as categorias de sexo e gênero, bem como suas identificações, através dos alinhamentos e posicionamentos que os sujeitos construíam com a homoafetividade, com a heterossexualidade, com a masculinidade, com o sexo masculino e, no caso de Lauro, com a feminilidade e com o papel feminino.

Evitei as estratégias dos direitos civis, da política da dominação e da diferença em favor da desconstrução da idéia de uma identidade de gênero específica para a busca de uma performance de gênero, que revelasse a subversão e manipulação da matriz cultural de inteligibilidade subjacente às performances construídas.

5.2.2 Gênero e performance homoafetiva

Segundo Butler (1990), os atos, gestos e desejo produzem um efeito de uma substância interna, contudo, são produzidos na superfície do corpo. Assim, são performativos, ou seja, produzem a identidade de gênero que dizem expressar, portanto, “constituem efetivamente a identidade que pretensamente expressariam ou revelariam”.

Entretanto, o fato de as performances serem construções não significa que estejam livres de restrições. Tampouco que estas restrições restrinjam a performatividade; ao contrário, “impulsionam e sustentam a performatividade”, devendo ser compreendidas como uma repetição de normas regular e restritiva (Butler, 1993:95). Nesse sentido, é uma produção ritualizada, que não é feita por um sujeito em particular; o sujeito é constituído por ela (Butler, 1993:95).

No que tange à performance homoafetiva, não há exatamente uma regra definida, sendo permitido diversos desejos e comportamentos.

A performance homoafetiva inclui relacionamentos com ambos os sexos. Ainda que Gabe estabeleça sua falta de desejo por mulheres, os outros três admitem a possibilidade de desejo e prática deste desejo.

Não há obrigatoriedade de uma frequência de encontros sexuais. Embora Mauro ressalte que isso é uma realidade, por serem indivíduos de sexo masculino, e Lauro

relatar sobre um período em que sentia que deveria ter mais relações também pelo fato de ser homem, não há uma regra quanto às relações.

Assim, as repetições de atos, gestos e desejo na performance homoafetiva não é uniforme; sua produção ritualizada é exatamente a amplitude de desejos e comportamentos.

5.2.2.1 Ser gay

Gabe e Lauro associam a descoberta da homoafetividade com amor: em ambos, a percepção de que eram gays foi devido ao fato de terem se apaixonado. Tanto Lauro quanto Zélio fazem relatos onde revelam terem percebido alguns sinais durante a infância, ainda que não conseguissem entender exatamente do que se tratava. Lauro fala em saber que era meio diferente e Zélio fala de uma atração que até hoje não compreende. Com Gabe e Mauro foi diferente: aquele fala de uma paixão quando jovem adulto e este de uma atração física durante a adolescência. Zélio estabelece que ser gay não é muito diferente de ser heterossexual, porém, ao mesmo tempo, posiciona-se como gay e argumenta que todos assim o deveriam fazer a fim de promover uma transformação social. Contudo, ao narrar sobre o fato de não poder falar com os pais sobre sua homoafetividade, revela que, socialmente, ser gay é muito diferente de ser heterossexual. A visão estigmatizada de sua condição gay o impede, mesmo após mais de uma década de casamento com Lauro, de falar sobre ele ou participar de reuniões familiares com o marido. Lauro alega que a homoafetividade é difícil de ser vivida, mas que suas compensações são maiores que suas desvantagens. Com exceção do empoderamento que a homoafetividade o confere, por perceber que consegue ultrapassar qualquer obstáculo, não detalha compensações específicas que ser gay traria. Parece que a grande compensação é o fato de ter se permitido viver seu amor com Zélio, construir um casamento feliz.

Mauro, após definir ser gay em termos da escolha do objeto, vinculada a teorias da psicanálise, coloca que prefere relatar sobre sua homoafetividade, sem definições, e passa a narrar sobre suas dificuldades iniciais. Assim, ainda que não exclusivamente, ser gay implica em ultrapassar problemas. Podemos perceber, através das narrativas de Gabe,

que, para ele, ser gay também se trata de superar dificuldades. Assim como Mauro, passa por um período de negação do desejo, tentando inclusive um relacionamento com uma mulher. Somente após essa tentativa frustrada é que aceita sua homoafetividade, quando se apaixona por um rapaz.

Por ser estigmatizada, viver a homoafetividade plenamente implica em ultrapassar problemas não só no mundo social, como também problemas internos, de negação dos próprios sentimentos. Ainda que tenham desenvolvido resiliência (Shih, 2004) ao longo de suas vidas, expressa através das diferentes estratégias utilizadas nas interações sociais relatadas, ser gay significa estar preparado para a rejeição, para a agressão. Ser gay também é sempre estar fora do armário com alguns e dentro do armário com outros. Entretanto, apesar das dificuldades geradas pelo estigma, nenhum dos sujeitos apresentou arrependimento ou vergonha. Todos os entrevistados têm vidas amorosas, profissionais e sociais bem estruturadas.

5.2.2.2 Homoafetividade e relacionamentos amorosos

5.2.2.2.1 Relacionamentos com homens

Lauro e Zélio falam de poucos relacionamentos com outros homens, argumentando que não é o feitio deles. Não gostam de casos fortuitos, sem importância, preferindo as relações estáveis. Lauro menciona tentativas de sair com rapazes variados no início de seu namoro com o atual marido, mas alega que não gostou da experiência. Zélio menciona encontros durante breve períodos de término de namoro, mas também coloca que prefere relações estáveis.

Mauro fala de um relacionamento curto e de um outro importante antes de se casar. Porém, diferente dos sujeitos citados acima, passou um período em que saía com diversos rapazes, apenas para ter relações sexuais¹. Ainda que não tenha analisado narrativas em que fala sobre este período, na história analisada em que narra sobre seu relacionamento com Gabe, fala que resolveu ficar com ele porque estava sem fazer nada, já era madrugada e o outro estaria “dando mole”. Em outra narrativa analisada, que trata

¹ Conferir entrevista completa no capítulo 7.

da primeira vez que teve relações sexuais com um homem, este era um rapaz que tinha acabado de conhecer, ou seja, não tinha problemas em ter casos sem importância.

Gabe, durante a entrevista, fala de um período de “galinhagem”², quando saía com vários homens. Assim como Mauro, não analisei narrativas em que fala desse período, contudo, a história analisada sobre a época em que resolveu conquistar seu marido revela que não tinha restrições quanto a ter relações somente por prazer. Gabe alega que se interessou por Mauro após a amiga ter dito que este o achava bonitinho e, como o achava atraente também, partiu para a conquista. Em nenhum momento fala em amor como falou sobre o instante em que viu Omar; o que o moveu no início foi pura atração física.

Diferentes de Lauro, que se sentia na obrigação de tentar vários relacionamentos por ser homem, Gabe e Mauro buscam conhecer sobre as possibilidades do prazer sexual que finalmente se permitiam. Além disso, eram jovens adultos, época em que normalmente se namora muito até que se encontre um par. E foi exatamente o que ocorreu: resolveram ficar juntos apenas por ficar, contudo, se apaixonaram e casaram.

Entretanto, Mauro concorda com Lauro ao argumentar que a promiscuidade tem relação com a masculinidade. Segundo ele, o fato de ser homem implica em um desejo sexual mais exacerbado do que as mulheres e, assim, haveria muitos pontos de “pegação” de gays, posto que se trata de homens se relacionando. Alega, ainda, que não ocorre o mesmo com lésbicas pelo fato de serem mulheres. Em nenhum momento pensou que o desejo masculino maior que o feminino poderia ser uma construção visando ao controle social das mulheres. Mesmo a Lauro, que fala em uma narrativa que sente afinidade com mulheres por serem oprimidas como os gays, escapa essa construção. Em sua narrativa sobre o descompasso que ele e seu marido tinham no que se refere a relações sexuais, Lauro alega que hoje é mais feminino, no sentido de papel feminino, que está mais interessado em companheirismo do que em sexo, ainda que goste bastante deste. Se a frequência de relações sexuais estivesse simplesmente baseada no fato de serem indivíduos de sexo masculino, nos hormônios, como comumente é colocado, não seria possível a Lauro ter um descompasso com o marido.

² Conferir entrevista completa no capítulo 7.

5.2.2.2.2 Relacionamentos com mulheres

Lauro argumenta que não teve oportunidade de se relacionar com mulheres como acha que deveria, mas não faz nenhum relato sobre alguma situação vivida. Zélio não especifica nenhum relacionamento, mas enfatiza que, nos períodos de separação de Lauro, saía tanto com homens quanto com mulheres. Em suma, ser gay não implica em uma atração exclusiva por homens.

Mauro, similar aos dois citados acima, não vê ser gay como se relacionar apenas com indivíduos de sexo masculino. Embora, no início da entrevista, tenha falado de sua atração por homens e da sua falta de interesse por mulheres, na história sobre o primeiro namorado o relevante foi saber que Roberto era casado, não que era casado com uma mulher. Na fala reportada que faz sobre os telefonemas com a esposa dele, também não atribui a ela nenhuma observação nesse sentido. Nem mesmo quando narra sua relação sexual com Nadine a prática sexual entra em pauta: o bizarro era o fato de ambos terem sido casados com o mesmo homem. Portanto, não vê como necessariamente exclusiva a atração por homens.

Gabe é diferente. Seu namoro e relacionamento sexual com Tati é fruto de um esforço. Não tem desejo por ela e fica gratamente surpreso quando consegue ter uma ereção e sentir prazer na hora do ato sexual. Seu namoro com uma garota foi apenas uma tentativa frustrada de entrar no armário. Na verdade, o efeito foi exatamente o oposto: devido ao empenho necessário para ter relações com ela começou a perceber que era realmente homoafetivo.

5.2.2.2.3 Romances

Nem Lauro nem Zélio tinham histórias de namoro para contar além do que tiveram antes de casar. Por terem se apaixonado muito novos, com cerca de vinte anos, não tiveram oportunidade de viver muitos relacionamentos. Contudo, a construção que fazem daquele período é a de uma época conturbada, com términos e voltas, brigas e desentendimentos, sempre contornados devido à determinação de Zélio. Porém, Lauro faz questão de colocar que, embora a insistência do marido tenha sido fundamental para

que viessem a ficar juntos definitivamente, sempre desejou um relacionamento estável, apenas achava que devia ter outras experiências por ser homem, o que o levava a romper com o namorado inúmeras vezes.

Gabe narra sobre uma namorada que teve em um esforço de viver de acordo com as regras sociais. O medo de ser estigmatizado chegava ao ponto de tentar esconder de si próprio a atração que sentia por pessoas de mesmo sexo. Após essa experiência frustrada, ainda confuso com relação ao que sentia, conhece um rapaz com quem acredita virá a namorar. Desenvolvem uma amizade tão próxima, que Gabe lê como sinais de interesse todas as propostas de programas que Omar faz. Por fim, se desilude e acaba com a amizade entre os dois. Esse episódio é revelador das dificuldades por que passam os gays no início de suas carreiras amorosas: se homoafetividade não fosse estigmatizada, Gabe poderia ter sido direto e falado de seu amor pelo rapaz, já que nunca foi tímido, nem teve receio de ser rejeitado (não podemos deixar de lembrar que, quando quis namorar Tati, não se intimidou com sua beleza e partiu para a conquista). Contudo, não podia fazer nenhum movimento logo que o conheceu, o que fez com que sofresse meses até que pudesse ser claro e ficasse sabendo que o outro não o queria.

Mauro conta sobre seu primeiro e único namorado além de Gabe. Foi um relacionamento confuso, o rapaz era casado, porém, no final tudo deu certo e eles foram morar juntos, ainda que não tenham ficado casados por pouco tempo. A importância desse romance é colocada pelo entrevistado quando fala que foi o primeiro namorado, a primeira decepção e o motivo pelo qual sua família ficou sabendo que era gay.

5.2.2.2.4 Relacionamento do casal

Lauro e Zélio se empenham em mostrar um relacionamento equilibrado, tradicional. Ambos falam das dificuldades que a vida em comum traz, bem como dos prazeres. A construção que fazem é a de um casal maduro, que não pretende abrir mão de tudo que conquistaram juntos devido a desavenças passageiras. Casamento vale a pena é a grande mensagem de suas narrativas.

Gabe e Mauro, talvez por serem mais jovens e, portanto, seu casamento estar ainda no começo, têm maior preocupação em relatar o início do relacionamento e da

paixão que os envolveu. A construção que fazem é a de dois indivíduos que se amam, que querem sempre estar juntos, que aproveitam as oportunidades para passear. Talvez por ambos estarem apaixonados e desejarem morar juntos na mesma época, ambos se colocam como agentes do início do casamento: Gabe diz que foi ele quem sugeriu que Mauro se mudasse para sua casa e Mauro diz que foi ele quem teve a iniciativa. Os dois usam de fala reportada direta ao contarem suas versões, demonstrando, assim, que o discurso reportado direto é uma criação (Tannen, 1989).

Ambos os casais apresentam casamentos nos moldes tradicionais modernos, onde o modelo igualitário vigora (Heilborn, 2004:189) – as responsabilidades domésticas são divididas, há ênfase no cuidado com a relação. Entretanto, desviam-se da tradição na medida em que são casais homoafetivos, deslocando a matriz cultural de inteligibilidade, que estabelece práticas sexuais entre pessoas de sexos diferentes.

5.2.2.3 Performance homoafetiva

As performances homoafetivas apresentadas pelos sujeitos de pesquisa, através de seus alinhamentos e posicionamentos assumidos nas narrativas de histórias de vida, revelam a falácia da relação causal entre sexo, gênero e prática sexual.

Lauro e Zélio falam de desejo e relações com mulheres e homens; Mauro, ainda que sinta mais atração por homens, teve um caso com uma mulher onde a questão da prática sexual não é mencionada. Gabe só sente desejo por homens; quando namorou uma menina, teve que fazer um esforço para conseguir ter relações sexuais. Assim, o fato de serem homoafetivos de sexo masculino não implica em somente terem desejo e relações com pessoas de mesmo sexo. Logo, não há uma regra específica quanto ao comportamento sexual como há nas performances de gênero masculinas e femininas.

A obrigatoriedade de uma frequência de encontros sexuais também não é uma regra. Lauro acredita que assim deveria ser, por ser do sexo masculino, apontando para uma performance de masculinidade deslocada, porém, alega que não se afina com sua maneira de ser. Mauro corrobora com Lauro na questão de homens desejarem maior frequência de relações sexuais, contudo, também desloca a performance de masculinidade, posto que estas relações podem ser realizadas com outros homens. Zélio e

Gabe não fazem observações nesse sentido, mostrando que essa não é uma questão para eles.

A manipulação do estigma, entretanto, é algo presente em todas as performances. Todos têm consciência de que portam um estigma e de que precisam lidar com ele para viverem bem. Ainda que sejam assertivos, tenham saído do armário e tenham desenvolvido resiliência, evitam se expor a agressões públicas, se contendo nas manifestações de carinho e, no caso do casal mais novo, buscando o gueto nas horas de lazer.

Os relatos sobre casamentos também indicam que não há uma regra de comportamento. Embora experienciem casamentos tradicionais, onde o modelo de fidelidade e vida partilhada esteja presente, não é colocado como a finalidade principal dos relacionamentos gays especificamente. Lauro faz críticas aos que não conseguem manter relacionamentos estáveis, contudo, não está se referindo aos gays somente.

As performances homoafetivas demonstram que a noção de que sexo é natural e, devido a isso, o gênero pode ser inscrito culturalmente, gerando uma relação mimética entre eles, não procede. O gênero não corresponde ao sexo, caso contrário, a própria performance não poderia existir, pois indivíduos de sexo masculino, então, só poderiam desejar e praticar sexo com indivíduos de sexo feminino. Entretanto, os indivíduos analisados, com exceção de Gabe, apresentam desejo e prática sexual com pessoas de ambos os sexos. Há, porém, uma maior incidência de desejo por homens e, conseqüentemente, uma maior frequência de prática sexual com pessoas de mesmo sexo.

Se a matriz cultural de inteligibilidade estabelece uma relação causal entre sexo e gênero, expressa pela prática sexual, então, as performances construídas deslocam esta matriz.

Por outro lado, Lauro e Mauro mantêm a matriz, na medida em que alegam ser próprio dos indivíduos de sexo masculino serem mais interessados em sexo que os indivíduos de sexo feminino. Contudo, simultaneamente a deslocam, pois esse maior interesse pode estar voltado para pessoas de mesmo sexo.

O movimento de manutenção e deslocamento da matriz também fica revelado pelo alinhamento que Lauro faz com as mulheres. Manutenção porque evoca a matriz quando fala de papel feminino e de menor interesse sexual em favor de um maior

companheirismo por parte das mulheres, se comparadas com os homens; deslocamento, porque é um indivíduo de sexo masculino se alinhando com elas.

Como a matriz cultural de inteligibilidade somente permite a existência de prática sexual entre indivíduos de sexos diferentes, então, os casamentos apenas podem ocorrer entre pessoas de sexos diferentes. Novamente, as narrativas analisadas, que falam sobre os casamentos estáveis entre os sujeitos, revelam um deslocamento da matriz, pois são casamentos entre pessoas de mesmo sexo.

A própria manipulação do estigma mantém e desloca a matriz de inteligibilidade. Mantém na medida em que os indivíduos procuram o gueto nas horas de lazer ou evitam carícias públicas, por exemplo, sinalizando o desvio do comportamento socialmente sancionado; desloca porque a própria existência do gueto pontua o fato de que existem performances diferentes daquelas ditas como únicas inteligíveis.

Partindo dos relatos desses sujeitos, parece que a performance homoafetiva é exatamente não haver uma regra rígida de performance. Ou seja, a repetição de atos, gestos e desejos não é uniforme. Em outras palavras, a repetição regular e restrita compulsória para constituição dos sujeitos (Butler, 1993) é, necessariamente, sem uniformidade. Assim, não havendo uma repetição uniforme de atos, gestos e desejo que produza um efeito de substância interna (Butler, 1990), há maior dificuldade de legitimação social, impedindo que seja vista como uma performance própria, sendo, então, colocada como desvio de performances já estabelecidas. Além disso, como a ótica social é baseada na matriz cultural de inteligibilidade e esta matriz é uma heteromatrix, ou seja, como a visão está calcada em um binarismo homo x heterossexual, qualquer performance que não esteja dentro desse pressuposto será tomada como desviante daquelas únicas possíveis de existir.

5.2.3 Estigma

Segundo Goffman (1963), a sociedade categoriza as pessoas e estabelece quais atributos são considerados normais; quando o indivíduo é diferente da expectativa das pessoas, cria-se o estigma. Ainda de acordo com o autor, existem alguns tipos básicos de estigma, entre eles, o de culpa de caráter individual, onde o homossexualismo se

encaixaria. Contudo, por não ser visível, o indivíduo que portar esse tipo de estigma pode escolher encobri-lo. Embora Goffman (1963) ressalte que a manipulação do estigma é algo que pertence fundamentalmente à esfera pública, na intimidade, o encobrimento também ocorre. Há vários gays, por exemplo, que não saem do armário com a família por muitos anos, sendo que, por vezes, nunca o fazem.

Shih (2004) argumenta que indivíduos estigmatizados possuem recursos para lidar com o estigma e desenvolvem estratégias de resiliência na vida social. Assim, estigmatizados não são vistos apenas como pessoas passivas, vitimizadas e passam a serem percebidos também como resilientes.

5.2.3.1 Sair do armário

Nas histórias analisadas, Lauro e Zélio não apresentam relatos sobre dificuldades de se perceberem gays, sendo que o primeiro também não apresenta problemas com sua família, ainda que fale de problemas com a família do marido. Zélio sequer pode mencionar sua homoafetividade e seu casamento com os pais.

Gabe e Mauro contam histórias sobre sair do armário com eles mesmos, onde o sofrimento da descoberta do próprio desejo é bastante forte. Gabe fala de um período de negação, de busca de relacionamento com uma menina, de uma profunda tristeza; Mauro fala do horror que o desejo o inspirava, do medo de viver uma experiência sexual que o levaria a ter que encarar sua condição gay. Questões sobre sair do armário expostas por Sedwick (1990) compareceram tanto nos relatos de Gabe, quanto nos de Mauro.

Quando Gabe conta para sua mãe que é gay, esta questiona sua homoafetividade, inclusive levantando a possibilidade de ser apenas admiração o que sentia por Omar. Gabe não tinha controle sobre a informação que o amigo tinha sobre ele: pensa que percebia que era gay, assim como ele pensava que Omar era, o que gerou ressentimentos mais tarde. Mauro também não tinha controle sobre a informação acerca de sua prática sexual: sai do armário com sua mãe porque ela o interpela, ou seja, ela havia percebido que ele era gay, ainda que por uma razão ligada à visão dela sobre comportamentos masculinos e femininos (o que a levou a descobrir que Mauro era homoafetivo foi o fato de ele aparecer com um “chupão” no pescoço, atitude que a mãe associava com carinhos

sexuais feitos por homens). A revelação de Gabe de que era gay jogou sua mãe no armário com sua própria família. A mágoa potencial de que Sedwick (1990) fala ocorreu tanto com Gabe, quanto com Mauro. Gabe apresenta ressentimentos com relação aos pais até hoje, quando recorda o momento de sair do armário; Mauro apresenta a mesma mágoa, sob forma de raiva, quando recorda-se da conversa com a mãe. Contudo, sair do armário com o pai despertou sentimento de amorosidade entre eles.

Com exceção de Zélio, estar fora do armário provocou em todos a necessidade de uma política de sobrevivência: Lauro se contém e evita carinhos em público para não ter problemas com os outros. Por outro lado, precisa ser assertivo nos ambientes mistos (Goffman, 1963) a fim de garantir respeito e evitar agressões. Estar fora do armário em um ambiente homofóbico obrigou Mauro a fugir de ataques físicos e verbais.

Sair do armário revelou-se, assim, uma tarefa mais complexa do que se imagina. Não é apenas uma questão de mostrar que não tem vergonha da homoafetividade, de se assumir. Sair do armário envolve alterações de ordem sentimental e da ordem de sobrevivência, quando se trata da nossa sociedade, ainda homofóbica, que estigmatiza homoafetivos.

5.2.3.2 O estigma no cotidiano

Nos quatro entrevistados o estigma está presente. Com exceção de Lauro, todos falam sobre problemas ao saírem do armário consigo mesmos e/ou com a família. O próprio fato de ter que sair do armário revela a estigmatização: nenhum heterossexual precisa de um momento para dizer à família que essa é sua prática sexual ou passa por reflexões internas acerca do próprio desejo. Aqueles que portam o estigma da homoafetividade sofrem interferências nos níveis mais básicos de sua vida afetiva, incluindo as relações familiares. No caso de Mauro e Gabe, sobretudo sofrem com a própria descoberta de desejo, passando por momentos de angústia e tristeza.

O estigma de se sentir atraído por pessoas de mesmo sexo provoca em Mauro tamanho desconforto que tenta ignorá-lo, deixando de ir à praia e andando de cabeça baixa a fim de não ficar exposto ao desejo que os homens provocavam nele. Gabe rejeita

de tal forma a possibilidade de ser gay, que tenta um relacionamento com uma menina para não ter que encarar sua homoafetividade.

Lauro reconhece e incorpora o estigma de ser gay: os carinhos públicos são contidos, tem que se impor com sua família e com os colegas de trabalho. Zélio cobra uma postura política de todos aqueles que o portam, a fim de provocar mudanças sociais, sobretudo no que se refere à imagem estereotipada do gay extravagante, promíscuo. Contudo, nenhum dos dois milita por essas transformações, o que pode estar relacionado ao fato de que a militância pode fazer com que se sintam mais diferentes ainda, posto que implica na assunção de que o indivíduo faz parte de um grupo estigmatizado (Goffman, 1963).

Mauro fala de agressões que sofreu pelo simples fato de ser gay; Gabe coloca que não pode levar o marido em uma festa da família portuguesa de sua mãe porque poderia, inclusive, contagiá-la com seu estigma (Goffman, 1963).

Entretanto, todos desenvolveram resiliência (Shih, 2004). Mauro, por exemplo, passou a ficar alerta quando frequenta ambientes em que acredita haver hostilidade; Lauro enfrenta a desconfiança no trabalho através de uma postura impositiva, assertiva; os quatro colocam em foco os aspectos positivos de suas trajetórias, quando narram suas histórias de vida, ainda que relatem sobre dificuldades que enfrentaram e continuam enfrentando.

Percebemos, assim, que os indivíduos estigmatizados não devem ser vistos como seres passivos diante do estigma. Ainda que haja histórias em que a vitimização pelo estigma esteja presente, os entrevistados demonstraram não se conformar com a estigmatização, usando de várias estratégias para lidar com o estigma social da homoafetividade.

5.3 Conclusão

Os indivíduos entrevistados construíram suas performances homoafetivas sobretudo através do deslocamento e da manutenção da matriz cultural de inteligibilidade, criando uma outra matriz subversiva de gênero.

Suas performances desvelaram a fabricação do conceito de sexo e de sua relação mimética com gênero – possuir um determinado sexo não implica em um determinado gênero, tampouco a expressão de ambos está na prática sexual. Dessa forma, não há apenas duas performances de gênero que correspondam a dois sexos.

Um outro aspecto relevante a ser destacado é o fato de a performance homoafetiva permitir diversos desejos e comportamentos. Assim, a repetição de atos, gestos e desejo previsível que produza um efeito de substância interna não é uniforme, o que gera uma dificuldade de legitimação social, impedindo que esta performance seja vista como própria, submetendo-a a um regime de exclusão, logo, estigmatização, através de uma visão de desvio de performances já estabelecidas. Considerá-las desvios mantém a assunção da heterossexualidade intacta, bem como as relações de poder que a sustentam.

Analisar as performances sob a ótica da Teoria Queer evita que as vejamos como reflexo de um grupo minoritário, oposto ao grupo de heterossexuais. A questão é a relação que as performances têm com a matriz cultural de inteligibilidade, pois, dessa maneira, fica desvelado que não há uma relação de natureza e cultura nas questões que envolvem gênero. Tudo é cultura. Se sexo é tão cultural quanto gênero, não há necessidade de haver apenas duas performances de gênero correspondentes aos dois sexos. Abre-se a possibilidade, inclusive, de outras performances não legitimadas entre indivíduos de sexos diferentes, como, por exemplo, indivíduos de sexo masculino que se vestem de mulheres, mas que somente praticam sexo com mulheres.

Perceber performances homoafetivas como próprias, não como desvios, é relevante em termos políticos, pois reafirma posições de sujeitos legítimos, não marginais. Dessa maneira, possibilita maior representação política e social, abrindo caminho para ganhos em termos de cidadania.

Ainda que, aparentemente, isso pudesse nos levar a ver performances homoafetivas como expressões de um grupo minoritário, contrariando o que afirmei acima, argumento que se mantivermos a perspectiva de que são próprias, construídas por sujeitos legítimos, inteligíveis, diminuimos o risco de reificação da homoafetividade como outro. Retomando as palavras de Epstein ([1996]1997:156), o ponto é “manter a identidade e a diferença em tensão produtiva e se basear nas noções de identidade e política identitária, permanecendo alerta contra a reificação”. Portanto, devemos criticar

as categorias e suas representações, mas se não trabalharmos com uma política de gêneros, corremos o risco de impedir uma ação política, que possa garantir direitos iguais para todos.